

APRESENTAÇÃO

A continentalidade geográfica do país fazia com que, nos meados do século, regiões fossem ilhadas lingüisticamente, permitindo, assim, a existência de vocabulário, de expressões populares e até mesmo de um linguajar próprio de cada uma delas. Assim é que existia, com muito mais força e potencialidade, o falar gaúcho com influências fronteiriças, o lusitanismo do nortista em função da ainda então predominante colonização portuguesa, a maneira diferente do nordestino se expressar sem nenhuma musicalidade, a gíria gostosamente melodiosa do carioca, a pronúncia arrastada do mineiro e do paulista.

No começo do século tais limitações geográficas eram uma constante ainda muito mais forte na língua portuguesa falada no Brasil. As pessoas de determinadas regiões eram mais facilmente reconhecidas logo quando começavam a falar. É que, repetimos, as palavras, a entonação vocal e as expressões populares estavam regionalmente aprisionadas em seu habitat, de vez que não existiam, com o poder que têm atualmente, os modernos e polivalentes meios de comunicação que diminuíram, pela aproximação das distâncias, a continentalidade do país.

Outros fatores, antes da tecnologia eletrônica, fizeram com que tais limitações ou fronteiras vocabulares perdessem sua força: as migrações, o deslocamento à procura de trabalho ou conseqüente de impulsos da mobilidade herdado de nossos ancestrais portugueses, a fuga das estiagens prolongadas, fizeram com que nordestinos e nortistas participassem da construção da Transamazônica e da cidade de Brasília, da pecuária de Mato Grosso, da cultura de café de São Paulo e do Paraná, da construção civil do Rio de Janeiro e também de São Paulo, do canteiro de obras das hidroelétricas, locais onde ainda se misturam costumes, hábitos alimentares, manifestações folclóricas e, também, vocábulos e expressões populares.

A verdade é que atualmente as fronteiras regionais da linguagem brasileira são mais tradição do que realidade e, quando ainda são uma realidade, não têm mais aquela força de antigamente. Hoje, expressões populares próprias de determinadas regiões chegam até mesmo a ser comuns em termos nacionais.

Este trabalho procura, na medida do possível e dentro de suas limitações, mostrar como a maioria das expressões populares viajam no território nacional através da produção literária de seus escritores, enquanto outras ainda permanecem presas a seu berço natal, notadamente no falar das pessoas mais idosas.

Visando contribuir para o estudo das expressões populares nas diversas regiões geográficas brasileiras, esta pesquisa escolheu, como universo, a literatura brasileira representada por escritores de quase a totalidade dos estados da Federação, o que constituiu um trabalho muito longo, principalmente no que diz respeito também ao tempo gasto na leitura de mais de duzentos romances, coletâneas de contos e crônicas, além de artigos publicados em revistas e jornais.

Acredito que o aspecto mais interessante desta pesquisa seja a ausência destas 203 expressões populares no maior e mais popular dos dicionários brasileiros da atualidade, o Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1a. ed.), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

É conveniente salientar que a maioria das expressões populares existentes em nossa língua são originárias do Nordeste e Norte, onde a língua falada e escrita foi mais enriquecida por força da homogeneidade do elemento colonizador.

Que não tenham sido gastos em vão o esforço e a dedicação necessários à execução de

um trabalho desta natureza, levando-se, também, em consideração, que nada é perfeito e que nada é completo em tudo que é feito pelo homem.

Este trabalho - acredito - não passa de uma modesta contribuição, de um pescador de pérolas, ao estudo da língua portuguesa falada no Brasil.

Fonte: MAIOR, Mário Souto. *A Língua na boca do povo*. Recife: Massangana, 1992. 89p. Série Obras de consulta, n.13.